



*Diário do internamento na Ilha Terceira
do
Avó Fritz
21/4/1916 a 20/8/1916*

Os Avós foram libertados a 26/10/1919

Keine Internierung
auf
Insel Terceira

Azoren.

Minha Internação
na
Ilha Terceira.

Azores

Internado.

Era no dia 21 de Abril 1916, quando entrei d'amanhã no nosso escriptorio tecnico. O snr. O. Silva, o chef da secção commercial, estava la tambem e deu-me logo "o Seculo", perguntando, se eu ja tinha lido; respondendo, que não, disse-me: "Leia la, mas não se exite sem necessidade. Não se palpitou uma boa nova e certo, la estava o decreto, do qual se tinha fallado tanto. Todos os allemães são expulsos, excepto os homens entre 16 e 45 Annos. Ainda continha mais paragraphos que não pertencem ca, ou não tem tanto interesse.

Segundo o decreto, foi immediatamente ao commandante da guarda republicana em Barreiro para me apresentar. Mas, como este snr. não tinha ordens, deu-me o certificado da minha apresentação e disse-me, que esperasse segundas ordens. O dia 21 era 6ª feira sancta, então no sabado d'amanhã trouxeram os jornaes de Lisboa columna

intencões sobre o embarque dos primeiros alle-
mães. Eu nem queria ir almoçar, mas
sim tratar das minhas coisas, mas o Dr.
Deutsch, nosso Director tecnico tanto fallou
até eu resolvi ir. Eu estava furioso, pois
do meu chefe tinha as melhores seguranças
e promessas, mas quando chegou o momen-
to critico não tinha ninguém, que me
desse ao menos um bom conselho. O
meu chefe não tem culpa, pois elle estava
com a sua familia em Busaco, para lá
passar a semana sancta e a Paschoa.
Mas dos todos os outros snrs. pode dizer-se,
que não houve ninguém, que mecesse
um dedo no meu interesse. D'uma mane-
ra é bom assim, pois agora não sou obriga-
do a ninguém. Quando voltei do almoço,
eram pouco mais ou menos duas horas, pa-
rastavam a minha procura. O comman-
dante da guarda republicana desejava fallar
me. Chegando lá recebi a ordem de me
aprontar pa, pois tinha de sair do

Barreiros ás 3^{as} para me apresentar no estado-major general em Lisboa. Não me podia dizer nada se eu ainda voltava, ou se tinha ~~de~~ de levar as malas e tudo. O sr.

J. Silva desapareceu por completo, apesar de saber o que se passava. Estou convencido, que elle esperava saudosamente a minha internação, pois em ~~foi~~ sempre um obstáculo para a realisação dos seus projectos autocraticos e nunca compartia as suas opiniões ou accitava ordens d'elle no serviço tecnico. Por causa da guerra tinham tido lugar mudanças bastante grandes no alto pessoal tecnico. Estes novos directores, chimicos etc. tinham ordem do p^otraço de deixar-se aconselhar por sr. J. Silva em questões administrativas. # Aproveitando essa occasião, elle procurou de realisar seu p^o antigo sonho, de ver-se como "Director geral" das fabricas de Barreiros.

As 3^{as} de tarde parti então do Barreiros e cheguei ás 5 horas ao estado major general. Lá deram

~~me~~ me uma carta de acompanhamen-
to para a "comissão de Transportes manti-
mos", a onde devia chegar as 2³⁰ da noite.
Eu quiz, que tinha poucas roupas e precisava
voltar a Barreiro para buscar mais, mas
não se importaram com isso. No camin-
ho ao caes entrei ainda no escriptorio
da casa para me despedir, mas tinha
pouca sorte pois o meu melhor amigo
sr. Mello e Souza não estava la e com
o sr. Anahory (o secretario do patrão) nunca
me ponde entender. Chegado ao caes,
mandaram me esperar e eu aproveitei
a occasião de acabar uma carta para
a Laura, que ja tinha escripto no vapor
de Barreiro a Lisboa. Até ahi a exitação
e o sequimento rapido dos acontecimentos,
tinham conservado a coragem, mas durante
do escrever fiquei dominado do desespero
e dôr e so com toda a força do meu querer
evitei lagrimas e soluços. Tirado de tudo,
sem ninguem aproveitar nada d'isso, expulso

do lugar e casa, da mulher e dos filhos, que tristera. Sim, se a minha patria aproveitasse com tudo isso, levemente suportaria tudo e mais que fosse.

Depois d'uma hora de espera partiu o rebocador. Sempre ~~qualquei~~ que nos mandassem com um vapor de passageiros, que grande foi a minha surpresa, quando o rebocador atracou num vapor transatlantico onde eu não pude descobrir cabinas de passageiros por mais que eu olhasse. Com o coração pa ~~sufrimido~~ saltei a plataforma da escada e subi ate ao coberto. Chegado encima foi recebido pelo um suboficial de marinha. Este senhor era bastante delicado e amavel, satamente ao contrario do marinheiro, que estava de sentinella na entrada e que era novo mas mt. bruto e atrevido apesar da sua grande parentela. Depois da revisao da minha bagagem, para ver se continhasse armas ou materias explosivas, pedi entao ao suboficial para me

indicar o meu lugar. Vamos então ao porão N. S., chegando ali, parou e apontando com o dedo para a baixo disse: "Aqui embaixo:" Alhei para lá e o que eu vi, fez-me ainda mais quimido e triste, que eu estava. O que eu vi foi um caos de colchões, cobertores, almofadas, malas e baldes. Bem lá embaixo no porão era a nossa sala de dormir, sem janelas nem nada. Montaram nos como os porcos. Nada mais, que um colchão no entrelheito de ferro, ainda cheio de lixo e n'alguns sitios humido, era a nossa cama, para cobrir dois cobertores e uma almofada p. a cabeça.

Quando cheguei, encontrei ao pé da entrada para o porão alguns patricios meus. Perguntando a onde estavam os outros responderam-me um: "Espere um pouco, uns estão ainda no salão de jantar outros na sala de leitura e alguns estejam talvez na sala de fumo. Fiquei surprehendido, pois não sabia, se

elle fallava a serio ou a brincar. Vi depois, que
 era brincadeira, pois todos se riam e o, quem
 tinha respondido, conheci logo por um berlinês,
 por causa do dialecto, que elle falava. Como
 os berlineses em toda a Alemanha são
 conhecidos por verdadeiros humoristas, ja não
 tinha duvida em que sentido a resposta era
 dada. Este senhor era o nosso palhaço durante
 toda a nossa viagem enquanto elle não
 estava enjoado. Levei então a minha
 bagagem para baixo, e voltei para cima
 para procurar um ou outro conhecido,
 que ahí talvez estivesse. Não tardei de
 encontrar o sr. "Paul" um bem conheci-
 do meu de Lisboa. Estando nos a conversar,
 apparece o sr. Harting. Este Sr. e um
 dos dois proprietários da agencia de vapores
 de Marcus & Harting em Lisboa. Esta
 agencia tem a representação de todas
 as companhias de navegação allemãs no
 caso, que ellas ~~queiram~~ querem ter ahí
 um representante. Eu ja conheci o

sr. Harting de vista e sabia, que elle era mt.^o
 amigo do meu patrão, pois este ultimo
 me o tinha dito havia a cerca de 15 dias.
 Também a elle tinha o meu patrão dado
 a garantia de ficar livre e não ser in-
 ternado. Mas não se podia fazer nada, pois
 a execução de todos os decretos estava em
 poder da ~~for~~ força militar. O sr. Harting
 estava mt.^o lançado sobre a maneira do
 nosso tratamto. Elle e o sr. Paul adju-
 daram me de procurar os pertences da min-
 ha cama, pois elles ja sabiam onde estavam
 os melhores colchões, cobertores etc., e aqui
 assim dois colchões, tres cobertores e duas
 boas almofadas. O sr. Paul ajudou me fazer
 a minha cama e as 9 horas estava então in-
 stallado. Ainda me deram a bordo uma
 ceia composta de dois grandes bocados de pão
 mt.^o secco e um pouco de queijo. Comi por
 comer, pois appetite não tinha nenhum.
 No sacco de excursão tinha comida para
 dois dias, mas não a queria encertar.

Até as 10 ou 10½ horas ficamos no coberto
passando e conversando. Depois deitamo-nos.
Dormi normalmente até as 5 d'amanhã,
então acordei por motivo d'uma dor fortíssi-
ma. O meu abcesso, que eu tinha, abriu-se
e por isso tinha logo que subir ao coberto.
As 6 horas comecei me^a vestir. Só para me
lavar levei meia hora pois não havia la-
vatórios nem coisa, que se parecesse ~~com~~ com
elles. Tive um balde, que servia p. despejos
~~apanhei~~ Apanhei o e lavei o com sabão
e uma escova, que eu tinha e depois la-
vei-me n'elle e assim fui lavando du-
rante uma semana, todas as amanhãs.
Para as senhoras, é claro, era impossível de
se lavar ~~em~~ e mudar de roupa; que vida!
As 2 horas deram nos caffèes sem leite, mas
com assucar e pão, mas ja mt. secco. Só pody
comer-lo prendo o em sopas no caffèe.
Domingo de ~~Pascha~~ Paschoa, um dia lin-
dissimo, quente e claro, cheio de sol. Mas
no ~~meu~~ meu peito, profunda tristeza e

norda de alegria da resurreição. Para o coberto da ré ainda tinham chegado mais passageiros durante a noite. Eram dois bois, uma vitella, tres porcos e um carneiro. Os dois bois estavam presos, mas os outros animaes passavam livremente entre nos, uma sociedade fina e elegante não ha duvida!

No coberto e na parte tapada da entrada ao porão, alguns dos nossos tinham postos cadeiras do bordo e encima d'ellas estavam deitadas ou assentadas as senhoras, que acompanhavam os seus maridos ao exilio. Todas ellas tinham as caras coradas de chorar e as physiognomias tristes. O dormitório commum, tambem não era nada menos, que agradável. Homens, senhoras e crianças tudo dormiu junto na mesma casa.

Ninguém se podia despir completamente. Naturalmente houve excepções, nem podia deixar de ser, pois a gente está em Portugal. Para as senhoras Gottschalk e Schmidt aranjaram se duas cabinas de officiaes, da maneira, que

essas duas senhoras eram as mais felizes, pois
 também comiam no salão pequeno, que em
 tempo de paz ~~era~~ é reservado para o capitão,
 o imediato e o 1º engenheiro. O almoço foi
 às 10½ já não me lembro, o que houve, mas
 sei, que ainda se podia comer. Eramos so-
 45 pessoas; mas durante a tarde chega-
 ram ainda os alemães do Porto. Eram com
 senhoras e crianças acerca de 35 pessoas da
 maneira que eramos todos juntos acerca de
 80 pessoas. Já eram 12 famílias, e por isso
 foi o porão Nr. 4 reservado p. ~~esses~~ 10 matri-
 monios. Mas no Nr. 3 ainda ficaram duas
 famílias, que antes queriam ficar com nosco.
 Também embarcaram ainda militares.
 Um capitão, dois alferes, dois sergantes e
 cinquenta praças foram mandados para nos
 acompanhar. Mt.º aborrido passamos o
 primeiro dia. Ninguém, nem o coman-
 dante do transporte sabia o dia da par-
 tida e o destino. Tudo isso contribuiu
 de fazer nos mais tristes e desesperados.

Começou a segunda feira. E Apesar de en-
 ter escripto a C. U. F. não apparecem ning-
 uem a bordo, nem mesmo recebi noticias
 de ninguém, isto ~~tambem~~ não me causou
 alegria. Durante o dia chegaram ain-
 da os ultimos dois allemães. Um era o
 Dr. Hassa um malandro e ladrão de
 marca como mais tarde se aprovou.
 O outro era o sr. Stive, irmão mais novo
 do consul da America do Norte no Porto.
 O consul ja tinha vindo no domingo,
 mas o irmão quiz fugir p. a Espanha,
 como se fez sem successo, pois foi apan-
 hado. As quatro horas de tarde ja nos
 deram o jantar. La houve então uma
 surpresa, mas uma surpresa desagradavel.
 Os pratos de louça, dos quaes nos tinhamos
 comido, desapareceram, e deram nos en-
 tão umas tijellas de lata. Para beber tam-
 bem tinhamos pucanos de lata. A comida
 foi mt.º peor, do que as refeições anteriores.
 Custou nos mt.º de comer e deuve muitos

que nem provarem ao menos. Eu comi alguns
bocachos, mas depois desisti e comi só pão frito
e duro, mas ao menos em mais tempo.

Durante o comer tínhamos os primeiros sinais
da partida. Foi experimentado a helice e
a machina do leme. No coberto havia
bastante movimento, marinheiros e
mestres correram para aqui e para acolá.
A tarde tínhamos tido a visita do Leite
do Rego, desse ladrão e nosso peor ini-
migo em Portugal e nos tínhamos logo
calculado, que elle queria fazer a ultima
inspecção pois elle é comandante da di-
visão naval.

As 6 1/2 da tarde começou o corpo do navio
a tremer e o bravo "Jayetos", agora cha-
mado "Cagres" começou deslizar-se vagant-
samente pelas aguas turvas do rio.

Destino da sorte! ~~Em~~ Num navio alle-
mão roubado somos mandados para o
exilio para a prisão. Nos colchões rouba-
dos, abaixo de cobertores roubados dormi-
mos

e com talheres roubados comemos. Pois tudo
o que nos ~~temos~~ tínhamos a nossa dis-
posição era tirado dos ~~nos~~ navios alemães.
Com meia força andamos o rio abaixo,
ainda não sabendo, que destino a nossa
sorte nos dava.

Algés, Belem, Pazo d'Arcos e outras praias
passaram a nossa vista. Em linha cur-
va passamos a barra. Um lindo pôr
do sol. O céu e as nuvens eram um
mar de fogo e ouro. Lá, a bahia de
Cascaes, conhecemos bem a boca do
inferno, mais para atrar as serras de
Cintru, coroadas com o palacio da pena
e as ruinas dos antigos castellos dos
mourros.

A amargura sube me ao coração.
 Desde oito anno estou n'este, apesar de tudo,
 tão lindo país. Cinco annos e meio de vida
 de familia, cinco annos e meio de trabalho
 para fundar a minha casa, o meu lar,
 muito trabalho, mas tambem muitos, muitos
 dias e horas alegres e tão felizes. E agora tira-
 do de tudo, que se ama, expulso d'isto tudo,
 para que se combatten, para que se ~~sof~~ teve tan-
 tos cuidados e preocupações. Conglomerado
 com bois, porcos e carneiros, quasi tratado
 como os proprios animaes, justamente como
 a gente não tivesse direito de existir n'esse
 mundo de Deus. E porque? Porque somos
 allemães, porque a nossa grande e bella pa-
 tria cresen de mais, segundo a ~~opinião~~
 opinião dos seus visinhos invejosos.

Esso, que ~~a gente soffre~~ nos soffremos para
 a nossa Allemânia, para a nossa patria
 tão querida, e ainda o unico consolo, que nos
 temos. E Ao contrario temos de reconhecer a
 a patria não lucra nada com isso e isso é

o que nos lastimamos bastante. Mais uma vez vou o nosso olhar sobre a costa. A cupula e as chanelhas do "Castello da Perra" reflectam o ultimo ouro do por do sol como nos quizessem mandar o ultimo a Deus.

A nossa direita esta um "destroyer", que fuma de todos os chaminês. Elle nos acompanha na nossa viagem, ^{nas primeiras 100 leguas} para nos guardar contra torpedeiros submarinos, ou outros ataques allemaes. O estupidos portuguezes! Imagineis, que os submarinos allemaes não tem outras coisas para fazer?

O destroyer põem-se em marcha e vagarosamente anda atraz de nos. Primeiro, ao nord-este para oeste, direcção para as Azores. Põem depois sabemos, que vamos para a ilha Terceira.

A noite esta suave e estrelhada. Põem a põem desaparecem os faros pequenos a nossa vista. Convente o fogo do farol do cabo da rocca ainda se ve bem e fica visivel durante quasi toda a noite. De repente sente se um

grande movimento entre nós, ouve-se o soluçar e chorar d'algumas senhoras; indo saber a causa, vejo, que se distribue cintos de salvação primeiro para as senhoras e os homens casados. Eu não me pude resolver de aceitar-lo. A onze horas aproximadamente foram-se todos deitar. O mar estava quasi completamente lizo e o navio balançava muito pouco, apesar de não estar nada carregado e navegando só com lastro. Quando ao outro dia quis subir ao coberto já tanta o vapor balançava mais, e ao subir a escada era preciso de ser mais cauteloso. Da viagem não se pode fazer grandes narrativas, pois tudo passou-se normalmente e não aconteceu nada de extraordinario. O movimento do mar cresceu de dia para dia e portanto também o balançar do navio. Na 6.^a e 5.^a feira chegaram as ondas a sua maior altura. As senhoras enjoearam todas, excepto duas, as senhoras "Kramer" e "Gottschalk".

Dos homens endoeceram talvez a quarta
 parte. Eu felizmente fiquei plenamente
 bem. A comida peoua de dia para dia
 Houve refeições, que tinham um aspecto
 menos apetitoso, que a comida que se
 dava ao nosso Reno. Cinco dias seguidos
 era o men men almoço batatas cozidas com
 salsa, as quacs comi então com sal. O pão
 era secco e velho, pois ja o tinham tr.
 mado ao bordo em Lisboa. O peixe que
 nos davam tambem não podemos comer
 pois a maior parte d'as vezes cheirava mal
 não era outro peixe senão sarda salgada
 e bacalhan ja meio podre. ~~Das~~ A sopa
 do jantar cheirava duas vezes a arado e
 era feita de restos da comida dos officiaes.
 A unica coisa boa eram as bolachas (feitas
 de farinha agua e sal) que nos davam para o
 coffee. Ellas eram frescas e sabiam bem.
 Os officiaes eram amaveis e delicados p. nos, mas
 tambem tinham as suas instrucções e
 não podiam nada fazer em nosso favor.

A mesa onde a gente comia era feita ^{por} ~~para~~ nos d'umas caixas velhas de petroleo e uns taboës. Passamos os dias tristes e aborrecidos até ^{a tarde} da 6.^a feira, dia 28 de Abril. Nessa tarde avistamos formações de nuvens, que nos indicavam a proximidade de terra. aproximou-se o fim da nossa viagem. O rumo que tinha sido mudado era agora "sul para oeste". Como o tempo se chegava, para estar em Terceira, descobrimos então, que tinham feitos grandes voltas, evidentemente para evitar submarinos ou corsarios allemães. Neste dia ainda não avistamos terra. Quando chegavamos ao colerto no sabado d'amanha tinhamos rumo "norte p. este" e tinhamos ^{ao lado do bom bordo} uma ilha bastante grande em vista. Era "Pagal". Este, o ultimo dia da nossa viagem, foi muito interessante. A seguir passamos ainda as ilhas de "Vico" e St. Jorge e tão perto, que nas aldeias e villas podiamos differenciar as casas, ruas e largos sem vista armada.

As 3 ou 4 horas da tarde avistamos o alvo

do nosso destino, a ilha Terceira, e as 6h horas ancoravamos na bahia do "Angra do Heroismo." Uma pequena meia hora depois sahio o nosso commandante, capitão de corbetta, em farda de paradeira, e foi a tem. ~~Immediatamente~~ appareceu o boato, que a gente tinha de desembarcar no domingo as 8h horas d'amanhã. O tempo era tristonho e humido, mesmo melancholico. Como todo o archipelago das ilhas dos Açores é de origem vulcanica, é claro que todas as ilhas são mais ou menos montanhosas. A cidade de Angra do Heroismo estende se nas encostas e algumas ruas chegam quasi para dentro das serras. A ilha parece bem arborizada e verdejante, e é claro claro que o clima suave e humido é mt.^o favoravel para uma rica e vigorosa vegetação. No lado sudoeste da bahia está sito um penninsula com o monte Brasil e o antigo e ja mt. muito arruinado castello de S. João de Baptista.

Começou a escurecer, e depressa tínhamos
 acabat as nossas observações. Em vista
 d'aquelle velho e obscuro castello, não nos vi
 ideas agradaveis, e justo não tardou e p
 ouvriu se dizer, que nos eramos inte
 nados todos juntos n'aquelle castello
 não, como nos julgavamos, ^{nas} em casas
 da cidade. Durante a viagem tínham
 nos dito, que nos tínhamos plena liberdade
 pessoal ~~em~~ toda a ilha; também essa
 esperança tivemos que enterrar e qua
 apparecemos no domingo no coberto so
 vin caras aflictas e tristes. Para nos pa
 certo, que nos ficassem juntos no castel
 semelhante que no vapor. É a comida
 que! Comeremos rancho. Um domingo
 triste, parece o dia mais triste ~~de~~ da
 minha vida excepto aquelle quando ^a ~~me~~
 primeiramente ~~na~~ amada me disse q
 não me queria. Vi's bem isso já são ac
 acerca de 12 annos, mas também foi
 assim pouco depois da Páscoa.

Eramos a causa d'um interesse mt.^o vivo do lado dos habitantes de Angra. Sem interrupção vinham e iam pequenos barcos de gasolina cheios de gente, que queriam ver os allemães. Os barcos andavam em volta do nosso navio. Alguns dos passageiros d'esses barcos eram bastante amáveis e cumprimentavam ou assanavam com lenços p. nos. Mas também se ouvia „abaix gritar“, „abaixo Alemanha“, „morra o imperador“ e „viva o Portugal“. A alimentação classica durante a viagem, as preocupações, que cada um de nos tinha e os boatos que corriam por nos tinham feito tão apáticos e indifferente, que ninguém ligava importância nem as morras, nem as vivas.

Durante a amanhã ouvimos então, que desembarcariamos de tarde as 5 1/2 horas de facto! Pouco depois do meio dia buscaram os nossos cobertores e almofadas, mas a noite vinha então a ordem

que somente na segunda feira, dia 1. de Maio, íhamos ser ~~transmetidos~~ transmetidos para o castello. Tornaram nos dar um cobertor a cada um e dormimos então a ultima noite a bordo completamente vestidos.

Na 2ª feira as 8h d'amanhã já nos deu o nosso almoço, que era excepcionalmente comestivel, e as 9h entramos nos barcos que nos deviam trazer a terra. Os officiaes que nos acompanharam eram tão delicados de não passar com nosco pela cidade, para não nos expôr a curiosidade dos habitantes. Desembarcamos directamente abeiro do castello. Os outros caminhos p. o castello estavam cerrados, da maneira, que ninguém nos incommodou. Até tinham commandado alguns soldados, para nos que elles levassem a nossa bagagem munda para encimada. Todo isso fez nos dar nos uma boa impressão. Vigorosamente subimos para o castello. Chegando ao pateo mandaram no

esperar e entregaram nos o regulamento; cada um recebeu um exemplar imprimido. Lá tínhamos então uma surpresa agradável. Além de outros parágraphos havia um, que nos permittia a ~~sofida~~ completa liberdade ~~em~~ em todo o ~~monte~~ "Monte Brasil". Isso era uma coisa bem aceitável, pois dava nos occasião sufficiente, para o nosso movimento ao ar livre. Durante a nossa subida ao castello encontramos dois photographos, mas evitamos, que elles nos photographassen, por abaixamos as cabeças da maneira que não podiam ver as nossas caras. Depois de ~~ter~~ ^{mos} esperado alguns minutos ~~no~~ ~~pu~~ ~~to~~, fomos chamados em grupos para nos indicarem os dormitorios. Primeiro chamaram as familias depois nos outros actualmente vivos e solteiros. Eu fiquei n'um quarto com mais dez camaradas; o quarto estava fortemente occupado, mas ainda assim estávamos allí melhores que no vapor.

Nos quartos não estava outro mobiliário, senão as camas, as quaes eram compostas de dois cavalletes de ferro, ^{tres taboas,} um colchão de palha, ~~uma~~ travesseiro de palha, dois cobertores, dois lençóis e um sacco p. o travesseiro. Para que não andássemos como um rebanho de carneiros tínhamos resolvido de escolher um Chef. A eleição teve lugar no pateo durante a nossa espera, e o nosso eleito representante foi o sr. Hart. A primeira reclamação, que nos fizemos foi por causa das camas. Causa: "Colchões mal cheios, parcialmente palha humida e cheirando a bafio e não somos cães para dormir num sacco de palha. Recomendamos então que mandassem buscar os colchões nos quaes dormimos ao bordo, pois com aquelles nos contentariamos. Mas ainda assim fizeram as nossas camas, ainda contente de ter uma especie de camas. O que nos queriamos fazer se nos tivessem dado um braço de palha e mais nada, como isso tem acontecido

aos nossos patricios em Inglaterra e Franca
 nos primeiros tempos. Pouco antes de meio
 dia chegou um official, dizendo nos, que
 nos fossemos a uma hora a cantantina dos
 serjeantes, para ~~de~~ almoçar. Disse nos, que
 havia so pão e linguiça ^{logo} fi assada e vinho.
 Destin desculpa, mas disse que ninguem esta-
 va preparado para a nossa chegada e por
 isso não podiam arranjar outra coisa,
 mas que ficassem descansados, que se havia
 fazer tudo para nos contentar. O Sr. Mar-
 tins ja tinha começado combinar a
 maneira da nossa definitiva alimentação.
 Chegamos ao seguinte resultado: „ Por cabeça
 e por dia pode gastar se não mais que 400 reis.
 Nos temos que formar uma comissão, que tem
 de fazer a composição das compras. O pessoal
 de cozinha ~~temos~~ fica ao nosso cargo. Não
 recebemos dinheiro, mas temos nos de gover-
 nar com uma tabella, que prescreve o se-
 guinte, por cabeça e dia: „ 500 gr. de carne,
 250 gr. de pão, 30 gr. de gordura (banha), 150 gr. de
 legumes secos

0,4 ltr de vinho, 15 gr. de cafee, 30 gr. de azeite
 15 gr. de sal e 2,6 kg de lenha. Temperos, como
 cebolas, pimenta, canella, cravinhos etc. são
 fornecidos separadamente. Agora ha as ta-
 bellas de substituição; a applicação d'essas
 tabelhas permite bastantes variações. Seg.
 essas tabelhas podemos receber: em lugar de
 500 gr. de carne 8 ovos ou 12 ltr de leite ou 300 gr de
 peixe fresco e mais algumas outras coisas, que não se
 lembrão. Em lugar de 250 gr. de pão ha 3,9 kg de
 batatas, 550 gr. de farinha de qualquer qualidade
 bolachas a quantidade d'essas ultimas depende
 da qualidade. Em lugar dos legumes secos
 1,5 kg de hortaliça ou legumes frescos, em lugar de 15 gr
 de cafee 15 gr. de cacão, chocolate ou 5 gr. de chá.
 Em lugar de 30 gr. de gordura 30 gr. de azeite ou
 toucinho. Para obter variações nas comidas, foi
 necessario escolher para a comissão de cozinha
 pessoas, que tivessem practica, vontade de tra-
 balhar e em geral um espirito practico.
 Tambem deviam saber fallar bem o portu-
 guez. Vamos então a eleição da comissão

de cozinha. Homem practico é o sr. José Wissmann. Elle é o sobrinho do proprietario do hotel "Metropol" em Lisboa e era chefe de mesa no mesmo hotel; o irmão mais velho ajuda o. Esse ultimo tinha a direcção do grande hotel em Bussaco. Os outros dois membros da comi-
 missão missão são os srs. Appelt e Hoepfel. Com esta entre nós um cozinheiro, não tem grandes difficuldades e a cozinha pode começa a funcionar. Neste primeiro dia jantamos ainda na cantina dos sargentos. A comida não era mt. bem preparada, mais ainda assim soube mt. melhor, que ao bordo. Houve sopa, carne assada com batatas e vinho.

Na 3ª feira, 2. do Maio, começamos a cozinhar. Ainda no primeiro dia, 2ª feira a tarde, chegaram os colchões e almofadas do bordo do "Sagres" e tinhamos assim camas boas. Toda a tarde passamos com passeios nas proximidades do castello. Logo, no dia seguinte (3ª feira) ~~amanhã~~^{de} chegou um telegrama, que redem a liber-
 dade ao srs. "Stürve, Hoepfel, e Schütze."

O sr. Stive obteve a liberdade por ser con- sul americano, o sr. Hoeypel esta doente de coração e o sr. Schütze é mareco, da maneira que os dois ultimos não são aptos p. o serviço militar. Como o sr. Hoeypel pertencen a commissão da cozinha foi en o escolhido para o substituir. O trabalho da commissão e o seguinte. De manhã as 4 horas vão dois membros ~~to~~ a cidade fazer as compras, mas acompanhado por um oficial. A lista das compras ja esta composta no dia antes segs as tabellas encima citadas. O terceiro socio fica na cozinha para conferir a compras que os soldados trazem para encima. Este terceiro socio tambem tem de observar a distribuição de coffee as 8 horas. ~~Para~~ A distribuição das comidas ao almoço e ao jantar é feita por a commissão completa. Almoçamos ao meio dia e jantamos as 6. da tarde. As duas horas da tarde é sessão, onde então são compostas as listas das compras para o dia seguinte

e ~~onde~~ onde se discute propostas de melhoramentos. O nosso refeitório é uma antiga igreja já muito arruinada. As duas mesas de 10 mtrs de comprimento foram feitas por nós, tanto como os bancos. Para as mesas comprou o snr. Harting as toalhas. Para a decoração servem não sempre, mas as vezes 4 grandes ramos de flores do campo. O serviço da mesa é feito por quatro creados; além d'isso ainda ha um criado para vinho e pão. O serviço da cozinha faz o cozinheiro e o seu ajudante e dois ^{de} cascadores de batatas. Tudo esse pessoal é pago por nós e p. obter o dinheiro paga cada um de nós uma quota mensal de 1:200 reis. Agora quando escrever isto estamos aqui ha 6 semanas e essa organização funciona mt. bem. Para exemplificar citar alguns menus. Montem dominica: 8 horas ~~de~~ de manhã; 0,4 ltr. de ^{café} caçao, pito com leite, 6 bolachas e pão a vontade. Almoço: Fricassee de vitella, bifes e batatas fritas: Jantar: Sopa de carne com aletria, Ragout polaco

carne estufada com batatas e couve (Schmoorkost)
 Hoje houve o seguinte: 8 horas: coffee com leite e
 açúcar e pão a vontade: Almoço: Feijão verde
 cozido com carne e almondegas com batatas
 Jantar: Sopa de carne, sardinhas com molho de
 tomates, carne assada com batatas e salada de
 feijão verde.

Bem! Agora quero tornar a descrever a os
 acontecimentos a seguir.

Todos os dias temos nos que apresentar duas
 vezes. Formamos em duas filas, o sr. Martin
 conta nos, e faz então a sua observação ao
 oficial de serviço. Na ocasião dessa apre-
 sentação são publicadas todas as ordens novas.
 As apresentações tem lugar pouco antes
 do meio dia e as 6 horas da tarde.

O primeiro acontecimento de interesse foi a
 chegada do vapor "Roma" no dia 5 de
 Maio. A Roma vinha de Lisboa e traria
 correio, mas para mim nada nem um
 postal. Foi para mim um dia de tristeza
 e aflição. 15 dias já ~~separados~~ sem

29:

noticias nenhuma das Laura e dos pequenos e então as saudades d'elles crescentes de dia p dia. Vinha vontade de estar sozinho, e não ver ninguém e chorar todo o dia.

Deus sabe com quem tanto a Laura como os pequenos, mas parece-me que as saudades do mais velho, do Ernestinho, sobressai tudo. Não se passa nem uma hora sem me lembrar d'elle. Mas como tudo passa, assim também passou isso e o trabalho é o melhor medico para coisas semelhantes. O movimento e a actividade da comissão distrahiram-me depressa.

No dia 6 de maio foi com mais dois camaradas, o sr Rindfleisch, professor na escola academica em Lisboa, e o sr. Siggelkow, I. Eng. do vapor Schwarzburg, buscar flores.

N'essa occasião cheguei a conhecer bem o Monte Brasil. Os outros dois senrs. serviram-me de guias, pois o serviço na comissão não me tinha ~~depois~~ deixado ^{vaga} ~~vaga~~ para passeios maiores.

Nos três encontramos nos assim, e harmonisamos muito bem. Muitas vezes tem cada um a sua opinião, e então ha discussões, nos quaes é raro, que alguém se deixa convencer. Do resto conversa se pouco nos nossos passios, cada um tem as suas ideas e pensamentos e parece, que existe entre nos um compromisso, que não permite conversas boncas.

O dia 2 de Maio ~~foi~~ foi um domingo.

As nossas mesas de jantar ficaram acabadas na 6.ª feira e é natural, que nos quisessemos dar uma vista dominguista ao nosso refitorio. Obtivemos um resultado bastante satisfatorio, somente a ^{isref}egreja no seu estado de meia ^{ruelma}outra deu um meio pouco proprio para o fim desejado. As mesas eram a primeira vez cobertas com as toalhas eniscadas de azul e branco e em cada mesa havia dois grandes ramos de flores de campo que em mesmo tinha compostos.

Chegou a 4ª feira, dia 10 de Maio. Já antes
 das 5 horas ~~de~~ ^{de} manhã ouvimos a sireia
 do vapor Funsthal, que tinha ancorado na
 Bahia. A Uma alegre excitação d'unos e
 dolorosa saudade ves-se nas caras d'outros.
 Pois não é ninguém entre nós, que não
 esperasse noticias, seja da sua querida
 familia, ou seja de amigos. As duas
 horas da tarde entregou-me o nosso alferes
 duas cartas e um telegramma da Laura.
 lendo as cartas fiquei a tremer de excita-
 ção e ~~na~~ impotente raiva. Deus no-
 sen! Não ha um raio, que ^{destrua} ~~destrua~~, que
 escangalhe estes marotos estes cães e
 malandros d'un governo? Estes ladros
 e tortureros, que são a culpa, que ~~em~~
 um pobre coração de mulher se afiliga
 e torture n'uma indefinida saudade
 por o mais querido ~~parente~~, que tem, que
 se curve n'uma profunda dor, em dolorosos
 cuidados por o # mais caro que lhe pertence
 que pertence somente a ella.

No primeiro momento lembrei-me de mandar vir para cá a Laura e o Ernesto. Muitos dos meus camaradas me aconselharam o mesmo. Mas depois o telegrama estar feito, lembrei-me que não fazia bem. Como, se por um mau acaso o navio fosse afundado? É mesmo aqui ainda não é tudo como deveria ser. As condições hygienicas deixam tudo para desejar. Lavatórios, banhos e retretes ainda estão no estado mais primitivo, parcialmente peores, que ao bordo do Sagres. A responsabilidade sobressai então e eu resolvo-me para "Não!" Ainda falto com o sr. Harting sobre essa questão e também elle é da mesma opinião. Um outro caso era se o governo mandasse a Laura para cá, então ella tinha de resignar e entrar-se com a vida de cá.

Logo de principio passaram-se os dias um equal aos outros. A unica variação que eu tinha era as compras na cidade e alguns passeios no Monte Brasil

Lá encontramos depressa alguns sitios tran-
 quillos e idilicos, onde se podia agradavel-
 mente conversar e sonhar. Ni sim sonhar!
 Sonhar de tempos felizes passados, e d'um
 dourado futuro. Seremos realmente d'isto
 felizes? Essa guerra terrivel não deixara
 tambem em mim sinais, que não jamais
 permittem de gozar-me d'uma felicidade
 contente e alegre? Não quero mais seguir
 a essas ideias. As vezes, estando assentado
 e escutando o rugir e murmurar do
 quebrar das ondas 200 m abaixo de mim,
 estou me lembrando dos meus irmãos, que
 tambem estão lá fora nos campos de ba-
 talha, prontos p.^{de} deixar a sua vida para
 a nossa patria. Sou eu melhor do que
 elles, e porque? Nos todos aqui, porque sou
 melhores que aquelles, que em batalhas
 tormentosas e sangrentas deixam as suas
 vidas para a honra, a liberdade, a gra-
 dera da Alemanha. ~~Então~~ Parece-me, que
 estou então ouvindo uma voz, que me diz:

" Esteja contente que tudo isso é assim, seja
 feliz, que tu não precisas dedicar a tua vida.
 Todas essas ideias sugerem-me um medo um
 temor, que me opprime e inche de preocupações
 e cuidados. Estes sentimentos opprimidos
 só me deixam, quando penso, que tam-
 bem para nós chegou tempo e hora, de
 combater para a nossa patria, é sabido
 que as armas d'essa guerra vão ser outras e as
 batalhas ~~o~~ não serão sangrentas, mas por
 isso não menos vehementes. Acredito sincer-
 mente, que muitos, ~~que~~ ~~os~~ ~~quais~~ até agora
 mal se lembraram da sua nacionalidade
 allemã, sejam ~~o~~ acordados pela guerra e
 se resolverão de tomar uma parte activa em
 favor a sua patria. A menos se lembrão, ou
 elles devem a sua patria, mesmo em tempos
 de paz. Durante dos 8 annos que eu estive
 no pair tenho visto casos singulares.

Chega um rapaz novo de 22-25 annos a
 Portugal. As condições da vida na sua patria
 fôrã-lhe apertadas de mais e elle espus-
 no estrangeiro um avanço
 mais rapido.

Este rapaz tem infallivelmente mais cora-
 gem, mais intelligencia e mais actividade
 que a qualidade media dos homens. Pois
 se elle fosse temeroso, nunca teria a coragem
 de deixar as saias da mae "patria". O que é,
 que acontece agora? Elle está na idade, quan-
 do se casa ordinariamente. As comidas são
 excitantes, o vinho adocada, e em consequencia
 está o corpo quasi sempre n'um estado deesejante.
 As mulheres são calrosas, cheias de formas cheias
 e desejosas. Elle ainda resiste. O nojo e o medo,
 os resultados da educação ou causados por motivos
 religiosos ainda o retêm ou ^{resguardam} d'um
 livre concubinato. Mas este estado não é
 demorado. O clima quente, torna o pensar logico
 em apatia e oprime depressa qualquer resiste-
 cia psychica. Se os seus meios lh'o permit-
 tissem talvez casaria, mas a maior parte das
 vezes é o medo da responsabilidade e da liber-
 dade cortada a causa, que subprime esse
 desejo. Elle procura e encontra, ai! até facil-
 mente de mais, uma mulher qualquer, que

concorda n'um concubinato livre. Abaixo d'essas circumstancias é um caso singular, de encontrar uma mulher caseira. A maior parte d'ellas são umas lueças e dodivanas. Nem quero falar aqui do filhos eventuaes, pois estes são completamente perdidos para a antiga patria. Mas d'aqui uns annos o mesmo rapaz está mais que ~~to~~ satisfeito da mulher e talvez tem tambem mais meios. Depressa trata de procurar uma outra e encontra a; com os tempos correndos repete se isso ~~uma~~ mais uma e duas vezes. Então com ^{acerta} quarenta annos de idade accorda a paridade a um descargo caseiro, a um verdadeiro proprios lar, elle casa e talvez com uma rapariga allemã. Como podem ser os filhos d'um homem, que dilapida o maior tesouro da natureza, sua virtude generativa, n'um concubinato livre n'uma vida, fundada no desejo do contentamento dos prazeres sensuaes? Estes descendentes, ~~do~~ não podem ter o pleno valor de homem, usando com isso uma expressãõ suave. Mas a minha patria precisa homens de pleno

valor e de character e não productos e descen-
tendes de homens, que já tem $\frac{3}{4}$ partes da
sua força gastas e dissipadas. Pessoas que
fazerem isso devem ser avisadas; o consul
o embaixador o chefe, sendo elle allemão,
devem o chamar e levar a sua attenção
as consequencias d'uma vida d'essas.

Agora outro caso. O nosso rapaz casou-se
nos primeiros annos da sua presença ~~de se~~
no estrangeiro com uma filha do respec-
tivo país. Os meios são modestos. Talvez
viva elle ao lado da capital ou talvez mesmo
longe d'ella, na provincia. D'uma bello
dia apparece o primeiro filho e com os tempos
cheguem mais. O pae, talvez tenha vontade
de os conservar a sua antiga patria, mas
por isso é preciso matricular-los no consulado,
isto causa incomodos; elles devem ser bati-
zados religiosamente, são preciso traducções,
as quaes custam dinheiro, ergo, para evitar
incomodos e desperas ficam os filhos com a
nacionalidade do paiz. Agora chega o
Baptismo!

ponto mais difficil. Os filhos talvez sejam
 matriculados no consulado, mas agora chegam
 a idade de visitar a escola. Quasi em todos
 os paizes ha escolas allemas, mas a visita
 d'essas escolas é completamente impossivel
 para ^{os filhos de} familias modestas (seralheiros, tecelões e
 vidreiros, chauffeurs etc.) se ellas não vivem
 mesmo na cidade ou seus arredores, onde
 a escola está cita. Primeiramente o pae não
 pode pagar os contribuições p. a escola e
 em seg. lugar, quem paga a pensão ^{ou} respei-
 tivamente as viagens para escola ^{ou} vice
 versa? Se todas as crianças de descenden-
 cia allemã pudessem obter a fortuna
 da educação allemã, muitos elementos
 precisos salvar se hia para a nossa
 patria, p. a nossa Alemanha. Resulta-
 dos d'essa maneira podemos obter, se os
 allemães que tem os meios sufficientes e tam-
 bem, até em primeiro lugar, o governo contri-
 buem para um fim tão desejoso. Indo
 isto ~~se~~ nem se pertence, mas as veres temo

essas ideias, pois dei-me de ver tanto sangue alemão perdido, desperdiçado como asubor artificial p. a civilizaçãõ dos outros ^{novos} povos decadentes respectivamente atrasados.

Prompto, voltaremos a terceira ilha Terceira. É natural, que estou aqui em relações com os habitantes de Angra. Onde constatar que a maior parte d'elles é germanófilo. Também ainda são monarchicos e mt.^o religiosos.

No dia 10 de Maio appareceu aqui o boato da occupação de Divinsk. Todos ficaram contentes e alegres excepto alguns, eu tambem, que duvidaram na veridade d'esse boato.

No dia 13 de Maio pedio o sr. Schmidt licença para visitar o sr. medico por causa do mal estar da esposa d'elle. Aproveitou a occasião, alugou um carro e foi de passeio a S. Mathias, um lugar, de uma legua distante d'aqui. Isso causou uma grande indignação entre nos. Elle recebeu uma severa reprehensão

do general e o que é o peor é, que nos agora estamos tratados com mais rigor. O proceder desse sr. Chamon entre nós uma grande indignação, que certamente não contribue para diminuir a malquerença do sr. Schmidt. Os officiaes, que nos acompanham hãem de Lisboa, também tem uma posição difficillima, pois os officiaes de cá mordem-se de inveja, e põem aos nossos os maiores obstaculos que podem arranjar. Os nossos officiaes não podem fazer nada sem encontrar a quozão do coronel, comandante do castello.

No dia 15 de maio mudei de quarto mais o sr. Siggelkow. Occupamos agora um quarto com mais o II e III. O gen. do vapor "Schwarzburg". Temos aqui melhor occasião para nos lavar e em primeiro lugar somos so quatro pessoas em um quarto. A nossa nova habitação temo anexo um pado len. Cadeiras em um huc parecido não ha. As mobílias la existentes são: as nossas camas, uma mesa, um banco

para duas pessoas, e dois bancos (mexos) para uma pessoa. O laboratório que é feito de madeira está na cozinha que está pegado ao nosso quarto. Para mim ser ainda uma merinha de cabeceira, d'um velho caixote. Temos iluminação electrica.

No dia 18 de Maio, chegou a noticia d'uma grande victoria em "Loisson". Entraver o mesmo effeito, grande alegria d'uns e d'outros.

No dia 22 de maio dei o meu lugar na commissão, pois os outros srs. tambem devem trabalhar um pouco. Queria então começar logo esse livro, mas no seguinte dia me o nosso capitão, de arranjar um pequeno jardim, que estava muito abandonado. Não podia bem dizer que não, pois tanto o capitão como os dois alferes são a amabilidade em pessoa.

No dia 20 de Maio, apparece o sr Stive e perguntou me se eu sabia arranjar

estações de telegraphia sem fio. Como não podia dizer, que sim, sem mais nem menos, explicou-me então que se tratava de uma ~~esta~~ estação existente em Angra, que era propriedade particular, mas que não ~~fun~~ funcionava bem, e por causa d'isso recebiamos somente telegrammas mutilados. Offerci-me então para experimentar a reparação. Passado dois dias disseram-me que a estação já tornava a funcionar, foi isso então, que me fez desconfiar. conversei com o sr. Harting sobre esse ~~assun~~ assunto e nos dois concordamos, que as noticias não eram accreditaveis ou ao menos necessitavam a major desconfiança.

No dia 21 de maio chegou a noticia que o sr. Dr. Masse podia voltar ao continente. Que misterios ha com este sr. não sabe ninguém. Elle quer ter posto official na marinha turca, mas como elle entrou logo nas primeiras horas da viagem, disse elle então, que foi official de cavalleria

Mal chegaste aqui começou elle fazer reche-
mações, nada lhe servia, nem o quarto, nem
a comida nem nada. Poucos dias depois de cá
estar fez um requerimento em, que proceu
a sua "nacionalidade austriaca". Com
uma palavra elle ~~o~~ é um padrão de
marca. Elle também foi o tal, que nos
trouxe aquellas noticias de victoria.

No dia 26 chegou o vapor S. Miguel, que
trouxe ainda mais nove allemães, os ul-
timos, que ainda apantaram. Um
d'elles tinha um jornal ("A. B. C.") muito
germanophilo do dia 14 de Maio. Este jour-
nal devia trazer noticias da queda de
Ivinsk, mas não encontramos nada; foi
isso uma prova, que o sr. Hasse nos
tinha enganado mt. regularmente. Todos
estavam escamados e o Sr. Hasse
teve mt. sorte de não apantiar uma boa
carga de ~~to~~ pansacha.

No dia 28 participou o Sr. Harting, que era
preciso de pagar as quotas p. o mes de Junho

no dia 31 de Maio. Entre nos temos algumas pessoas, que são mais portugueses do que allemães. Estes ultimos começaram então fazer as reclamações. Como nos tinhamos pouco pouca louça foi preciso que n'um dia comessem algumas pessoas d'aquellas tigellas de lata, que nos tinham servido até a bordo. Estes Portuguezes, nos não podemos chama-los allemães, pois elles não tem direito a esse nome, rejeitaram estas tigellas dizendo, que não estavam acostumados a comer de pratos de lata e a comida allemã não prestava e elles não a podiam comer.

No domingo, 29 de Mai estavam elles depois do jantar na muralha com mais alguns sargentos das tropas da ilha, e queixavam se a estes sobre a comida e sobre toda a organização. Em consequencia d'esses incommodos todos, desistiu o sr Harting

do seu lugar de presidente. Como a gente
 já estava bem informado, tínhamos feito
 os nossos preparativos. O sr. Siggelkow
 pediu aquelles, que estavam de accordo
 com o sr Harting pôr-se a um outro
 lado da igreja e vejam lá, todos
 correram para aquelle lado. Isso parecia
 então de mais e gritos como, fora os co-
 bardes, fora com as linguas compridas
 etc. sonaram, mais foi preciso chamar
 nomes para os obrigar a sair. Um
 dos nossos alferes leu lhes então um
 grande sermão e disse lhes, que a
 comida era boa e elle preferia comer
 das nossa refeições se as circumstancias
 lho permittissem, mas infelizmente
 não podia fazer isso. Pedimos então
 ao Sr Harting de aceitar de novo
 a chefia, e elle cedeu. Ficou então
 tudo como estava.

No dia 5. de Junho foi o dia dos
 meus annos. Para ver tempo o passa-
 do

tão agradavelmente e se não fossem as
 saudades da Laura e dos filhos, teria o
 passado ~~ainda~~ mais alegre. De man-
 nhã as 8 horas quando cheguei com
 o meu café, já encontrei a mesa
 com posta. Os meus camaradas de quarto
 mandaram fazer dois bolos, o sr
 Appelt antigo collega da comissão offer-
 recer-me uma garrafa de vinho de
 Madaira e o cozinheiro tinha feito
 um ramo mtº engraçado de batata-
 tas, cenouras, e outros legumes recortan-
 do-as da maneira, que fingissem
 flores. A nove horas chegaram então os
 srs Harting e Höber para me dar
 os para bens. O sr. Harting deu-me
 um quastro de Angra e o sr. Höber
 duas garrafas de vinho do Porto em nome
 dos seus collegas de quarto. Depois ainda
 veio o sr. Schunk e trouxe-me 1/2 dr.
 de chamus Zannemann

Depois do almoço convidei todos aquelles
 snrs para um copo de vinho do Porto,
 e depois fomos todos tomar o coffee para
 o quarto do snr. Wöber e Ebbinghaus.
 As quatro horas de tarde fomos então
 tomar banho no mar. Eu fui a
 primeira vez e gostei imenso.
 As ondas eram bastante altas e levavam
 a gente como n'um balço. Fiquei
 encantado. Foi então todos os dias.
 É aqui o melhor divertimento que
 eu conheço.

Na quarta feira o dia 7 de Junho
 era o dia de annos do snr Ebbinghaus.
 De tarde houve coffee e bolos, para
 que eu tambem fui convidado. Nessa
 occasião appareceu o nosso alferes Leal
 e trar nos a noticias, que no dia
 26 de Junho chegam os mais 175 alle-
 mães. Ainda disse, que o telegramma
 era da ilha de Madeira, mas não
 sabia se os 175 allemães esperados eram

todos d'ali ou tambem d'outros sitios.

Nos não estamos nada contentes sobre esse augmento, mas esperar e tomar chá.

Dia 11 de Junho, domingo do espirito santo.

Uma festa de espirito santo com tanta chuva ainda não vi na minha vida.

Os. sr. Martiney, Nobres e, Eppinghaus e eu tinhamos combinados ir ao banho ás 7 menos um quarto de manhã. Como já chovera ás 6 horas é claro, que não me levantei, mas elles não se importaram com isso, puzeram-me fora da cama e ás 7 horas fomos então a praia.

Para lá ainda escapou, mas mal estávamos na agua, começou a chover a valer. As ondas eram enormes ainda assim experimentei a nadar, mas já a segunda onda deitou-me a praia e lá rebolava então entre as pedras e hervas d'agua (limos) para o grande gaudio dos outros senhores. No caminho da praia ao castello chovia, como deitassem com

potter, quando cheguei a casa tive que mudar a roupa, pois eu estava molhado até a pelle. Consequencia: uma Neuralgia nas costas e nos braços, que durou quatro dias. No dia 6.^a feize tomei ao banho. Choveu todo o dia horivelmente. Durante ao almoço cahir um grande boçado do tecto da igreja felicemente sem ferir ninguém.

Antem no dia 17 de Junho recebemos a noticia, que o vapor "Porto Santo", tambem um dos roubados, partiu de Lisboa no dia 16, por isso pode ja estar no dia 21.

De razão devia elle ter partido no dia 5 de Lisboa, mas não pode ser por causa d'uma greve, segundo disseram.

Espero saudosamente correio da Laura e da C. U. F. As saudades da Laura e do Ernesto crescem de dia por dia; parece-me bem

que ainda os mando vir para cá.
Mas primeiramente como tudo aqui
se desenvolve quando chegam os
outros 175.

Ontem disse-me o nosso capitão
que tinha vindo uma licença
do ministério de guerra, que nos
permite de cá trabalhar por din-
heiro. Na electrotechnica não posso
lá fazer nada, por causa d'isso
quer ver se encontro alguma
coisa para jardineiro de estufa,
pois tenho conhecimentos sufficien-
tes para esse emprego. Dinheiro
já não tenho, há que tempos;
creio a minha casa m'ó man-
dara, mas dinheiro ganho sempre
é melhor, que dinheiro dado ou
emprestado.

Hoje domingo, 18 de Junho, foram todos
os relogios uma hora adiantados. Aman-
hã as 10^h saímos ao banho, o resto

dia e aproveitei para chegar ao corrente com esse livro que quer dizer so com a parte allemã. Na proxima semana tenho mt.^o que fazer. O sur. Harting far annos no dia 25 (primeiro domingo) e eu quero fazer uma decoraçã de mesa mas em termos, tambem isso pertence a arte de providenciar.

Aoje na 6.^a feira, dia 23 de Junho, chegou enfim o vapor, que ja devia ca estar no dia 10. So recebi uma carta da Laura e uma outra do sur Mello & Souza. Essa ultima e de grande importancia pois tira me^{de} grandes cuidados. Tambem a carta da Laura contem uma noticia boa. Domingo e o dia dos annos do sur. Harting, ja estou no meio dos preparativos.

Sabado, 24 de Junho. Recebi ainda duas cartas da Laura e dois retratos d'ella com os meninos. Foram esses retratos os causa dores d'uma grande alegria p. mim.

Tambem so as cartas ja me fazem alegres
 mas a maior parte das vezes causam me
 mt.^a tristeza. Resolvi hoje definitivamente
 de mandar vir para ca a Luiza
 e o Ernesto. Alem d'essa correspon-
 dencia recebi ainda uma carta do
 José Alves, um obs meus empregados,
 e Os meus bons amigos, Paulo
 Koskowsky e Conny Halerstock. Estes
 tambem estão mal. Vivem no vapor
 Frankwald em Bilbao, não tem
 vintem e ja estão ha quatro meses
 sem noticias das suas familias.

Domingo, 25. de Junho. Dia dos annos
 do Sr. Harting. A Decoração fez um
 effeito lindissimo. Todos estavam ad-
 mirados, como eu arangei aquillo com
 tão poucos meios. Depois para tarde
 foi convidado ao coffee, passamos umas
 horas bem divertidas.

Segunda feira, 26 de Junho. Chegou o
 vapor S. Miguel. Recebi mais correio da

Laurinha. Também chegaram 2 alemães da ilha de Madeira (1. prestação dos 125) Estamos agora 108 pessoas. Estes novos sujeitaram se sem mais nem menos a nossa organização.

- A semana toda passou se com escrever cartas; o S. Miguel partiu hontem dia 30 de Junho.

Hoje, sábado, 1. de Julho ¹⁹¹⁶ 6 horas de manhã ancorou a "Roma" na bahia e partiu ^{já} as 10 1/2 de manhã. Nos vimos-^{la} ir, quando nos estávamos no barcho. Hoje no barcho estive n'uma situação bastante difícil. Ao nadar achei repentinamente entre umas grandes pedras que ainda estavam cobertos de algas. As ondas íham bastante altas e fortes uma d'ellas atirou me contra uma pedra onde me espolei bem com o olho. Com o pé esquerdo fiquei preso entre duas outras pedras. Instantaneamente n'este ~~sito~~ sitio quebraram se

as ondas, da maneira que est^o em esta-
va continuamente abeiro da agua
e espuma. Enfim, depois de passarem
sino a seis ondas para encima
de mim, consegui de me livrar
e cheguei bem a praia. Não esta-
va nada contente pois pensando
esta a gente numa boia p. o peso
das ondas. Estando a gente em
aguas fundas, é muito agradável
de deixar se balançar. Aquillo vai
tão suave e agradável como n'um
berço.

"A Roma" tinha trazido correio e
em recebi porraes espanhols ate
dia 17. de Junho e duas cartas do meu
pessoal. O meu successor, parece não
gostar o bojo. Eu não me admir
d'isso, pois aquella posição não é
tão simples como parece. Para
mim é isso talvez mt. bom, pois
assim reconhecerao melhor o que

em tempo feito para a casa.

Quinta feira, 6 de Julho 1916. Hoje a tarde
 as 6 horas trouxe o nosso capitão uma carta
 do general, na qual este nos rogeu de
 cumprimentar a bandeira portugue-
 zesa. O sr. Harting respondeu-lhe
 negativamente. Disse-lhe que não podia
 nos cumprimentar ^{da maneira nem humilha} a bandeira d'uma
 nação, que nos tira quasi a camisa
 do corpo. Que o sr. capitão fizesse o
 favor de dizer ao sr. general que elle
 mandasse uma definitiva ordem em
 esse respeito, então elle viria como
 nos executaríamos essa ordem. Nos
 ultimos jornaes de Lisboa encontra-
 mos noticias, que tambem a proprie-
 dade particular, como mobilias, roupas
 livros, enfim tudo, iha ser vendido
 ou ja o estava parcialmente. E então
 ainda querem, que a gente cumprimen-
 te aquella trapalhã? Nunca! Antes
 preso com agua e pão

Sabado, 8 de Julho. Montem acontecer uma coisa, que seria melhor se elle não tivesse acontecido. Alguns senhores de nos, sobretudo aquelles, que querem pertencer a classe superior e educada, embriagaram se e cometerem excessos nojentos e abominaveis. Com isso não quero culpar ninguém, que em certas occasiões bebe um copo a mais, mas na situação em que estamos agora, da maneira nem bruma deviam acontecer coisas semelhantes. Não é admissivel, que nos, como pertencentes ao primeiro, ao mais heroico povo do mundo, portemos assim e que demos aos Portuguezes um espectáculo d'essa qualidade. É de detestavel n'os tempos de agora fazer uma dissipação d'essas e deixar ganhar tanto bom dinheiro os nossos inimigos. Esse dinheiro nos fôr falta depois da guerra e era melhor para ter-lo para

aquelles, que deixaram no campo da batalha a sua saúde e que lá foram mutilados. Quando hoje o sr. Harting os reprehender, diante de nós todos, chegou o pouco conhecimento d'elles para a nossa situação ao tal ponto, que se sentiram insultados, e resolveram, ^{de} não falar mais com o sr. Harting. É triste que deve acontecer coisas d'estas.

Segunda feira, 10 de Julho 1916. Hoje tivemos a nossa primeira "Noite de Recreio", que foi executado pelo o grupo dos nossos actores, da sociedade de cantores "Sempre alegre". Declamações e versos e canções e peças de musica seguiram uns a outros, alguns serios outros alegres. A orchestra compoem se da seguinte maneira: Uma Harmonio de mão, um duto de boca, um banjo-lira, uma rebeca de diabo (ferramente artificial de Bombo, pratos, caixa e tam.)
(burette)

e um "triângulo". As representações levaram acerca de 3 horas.

A casa de espectáculo foi naturalmente a igreja. A "Apsis" serviu de palco e estava decorado com grinaldas de folhas e uma bandeira allemã. A nave geral estava ornamentado com grinaldas de papel de cor e bandeirinhas com as cores allemas e as dos seus nossos aliados.

Quinta feira, 13 de Julho 1916. Notem a noite tem os livros, n'um dos journaes de cá a noticia, que tinha chegado um submarino allemão em Norfolk porto norte americano. Esperamos que seja verosade. Gostava de ver as caras de Asquith e Greij.

Terça feira, 25 de Julho 1916. Notem na occasião da eleição da com missão, sobre mim, que 20 pessoas se quezem separar e alimentar se a custa d'elles. Que se vão em paz nos não morreremos

a fome; critico pode ser isso se o nosso
convinheiro vai se com elles e nos ficamos
sem nem um.

Hoje ao meio dia despediram-se os officios,
que nos tinham acompanhado para
ca. O capitão agradeceu nos a nossa
ajuda em todos os seus trabalhos e se
apresentou nos os novos officios, dese-
jando, que continuassemos passar
bem. Tenho pena d'esses senhores, ape-
sar de serem os nossos inimigos. Elles
tem uma sorte mt^o incerta diante
de si. Amanhã esperamos o S.
Miguel.

O S. Miguel chegou pontualmente
Para mim so me trouxe correio da
Laura e um postal do Ernesto e outro
do João Silva. Toda a minha corres-
pondencia p. o snr. Mello e Souza per-
den se, pois eu não recebi nem res-
posta, nem dinheiro. É mt^o triste
estar assim na incertez.

Em No dia 26 de Julho, as 6 horas da tarde, participo nos o srs Harting, que tinha obtido a sua liberdade. Elle pode estar contente, que chegou a esse porto, nos desejamos lho tudo o que é bom e que chegue sem novidades a casa da familia.

Preparavamos uma pequena festa de despedida para o domingo, dia 30, no qual o srs. Harting nos havia de deixar.

Eu decori lho o lugar e a cadeira com flores. Na cadeira puz num fundo de preto, branco e vermelho (as cores allemãs) com flores as palavras „Lebe Wohl.“ Depois de almoço houve uma apresentação festiva pelos nossos actores, cantores e musicos. A almoço eu ja tinha dedicado algumas palavras de despedida ao srs. Harting. As minhas palavras não encontraram o aplauso unanime dos outros, mas o da grande maioria. Pois tambem aqui ha, infelizmente

grandes differencias nas opinioes, causadas pela differencia das classes de sociedade, que aqui se encontram. Infelizmente é isso a verdade, e a gente tem de ver como se entende. No domingo a noite as 8 horas partiu o sr. Harting do castello. Até elle nos desaparecer, assanavamos com lenços e chapen o ultimo „Lebe Wohl“. Todas as senhores tinham lagrimas nos olhos tambem os meus se humedeceram. O sr. Harting soube ~~at~~ contrahir as sympathias p^{er}ta pela sua justica e amabilidade. Quem sabe como seguirá isso agora. Os primeiros sinais não são de confiança, apesar de o sr. Wallenstein ser o successor do sr. Harting. O sr. Wallenstein foi o sr. é o consul allemão, que estava em „Ponta Delgada na ilha de S. Miguel Branco, que este sr. é bondoso demais para um lugar d'aquelles. Bem isso já veremos hoje, pois hontem, alguns senhores arranjaram uma merenda de sardinhas

fritas e assadas. O ponto geral era a bebelice e alguns se embriagaram de tal maneira, que n'um dos quartos houve ~~1~~ pancada a valer, o quem opanhou pode agradecer a boa sorte, que o deixou ficar com os olhos inteiros. As 11 horas da noite ainda foi preciso de chamar um medico. A esposa do sr. Wallenstein estava excitadissima, pois o marido d'ella tambem foi chamado e foi elle quem evitou, que algum fosse preso. A mesa ja teve algumas discussões, pois alguns srs. ja estavam bastante alegres. Eu francamente não sou nenhum tristeiro, mas sou da opiniaõ, que nos n'essa situaçã podemos e devemos evitar semelhantes acontecimentos. Para passar o tempo arranjeri algumas plantas de vasos, hontem encontrei as primeiras flores de „Belladonna“

Pouco mais ou menos, no meio dia tinham chegado todos os allemães ao castello. Havia entre elles algumas caras duvidosas e pouco sympathicas. O que eu sabia de certo era, que o nosso descanço e bem estar tinham se passado para sempre. O alojamento não causou grandes difficuldades, apesar de ~~o~~ não ser tão bom como o nosso e isso é natural e bem comprehensivel, pois é mt.^o mais facil dentro de 3 meses alojar 150 pessoas, que 330 pessoas em 2 dias. Os allemães, que vieram agora compoem se quasi so de tripulações dos navios allemães, que estavam em St. Vincente e em Funchal.

Os mais graduados d'elles, como officiaes de navegação e engenheiros foram alojados em duas grandes salas, da maneira que ficaram acerca de 40 pessoas em cada sala. Agora elles queixam se, que nos moramos em grupos de 2-4 em quartos de tamanho correspondente. Agora querem elle, que dos nossos antigos sabissem os mais novos

para dar lugar aos mais velhos d'elles. Em
nas condições actuaes, não acho differença
entre um homem de 30 e de 40 annos.
Das ~~as~~ pessoas de 45 annos e mais não se
falta, estes podiam ir a Espanha, se
quisessem. Alguns ja se queixarem
da comida, isso então não posso compre-
hender, de maneira nenhuma. A
comida é mt.^o boa, lembrando se das con-
dições, nas quaes a gente se está. Onde
estava em Allemanha a familia que
pode por dia e calça gastar o seguinte
: 250 gr. de carne, 4 ovos, 375 gr. de pão, 1,950 kg.
de batatas, 75 gr. de feijão branco ou ervilhas
seccas, 750 gr. hortaliça ou legumes frescos
de qualquer qualidade, 30 gr. de gordura,
0,4 ltr. de coffee, 30 gr. de assucar e 0,4 ltr. de
vinho. Já deve ser uma familia, que
vive em mt.^o boa situação, mas não a
familia d'um fogueiro ou d'um
marinheiro. Nos em casa, mesmo depois de
ser casado, nunca podemos viver conti-
nuamente

em essas condições. Além d'essa quantidade também a comida é bem feita e a qualidade ~~das~~ matérias, como carne e pão é excelente. Para o almoço temos sempre dois pratos bons. O jantar varia menos, pois temos sempre uma sopa e carne assada ou estufada com uma salada qualquer ou hortaliça (legume). O coffee não é mau e o pão suficiente. O que se pode querer mais? ~~Co~~ ^{mo} se ~~q~~ apresentarão essas pessoas aos seus patriotas em Alemanha? Pois elles durante a guerra não fizeram nada para a nossa patria, ao contrario, viveram a custa d'elle e adquirem assim augmentar as cargas. Ao contrario disso, podemos nos, os alemães ~~seus~~ residentes no estrangeiro, apresentar sempre algum trabalho intellectual e a nossa propaganda e da maneira nenhuma ~~q~~ carregamos despesas sobre a nossa patria, mas sim ainda se punterem ~~summas~~ ^{summas} bastante grandes p. as ~~mandas~~ ^{mandas} para lá.

Seja longe de mim, de querer com isso imitar aquelle phariseo, que se batteu ao peito, dizendo: "Veja o choro em não sou como esse adraqueiro!" O não! Não quero isso, mas eu penso, que nos deveríamos aceitar, essa desagradabilidade sem lastimações, lembrando nos as desfavoráveis condições ~~em~~ em que vivem, os sofrimentos, que passam, os nossos irmãos e irmãs os nossos paes e todos os nossos patriotas na nossa tão querida patria. Mas ai, infelizmente, que poucos, que tão poucos ha aqui, que se lembram d'isso:

Insere-se agora uma segunda cosinha em funcionamento. La também cosinha com cosinheiros dos navios allemães. Comemos agora em duas sessões, as 12 e a 1 hora e as 6 e as 7 horas da tarde. Ainda ha mt.^o que fazer, mas creio, que tambem nos entenderemos com este resto. Alguns querem as economias, que nos faremos e

dos quaes a gente pagava o pessoal da cozinha e do refeitório, distribuir entre se, para comprar, seg. dizem, roupas, sabão e tabaco. No principio não tinhamos economias, ao contrario ainda tinhamos de pagar da nossa algibeira.

Agora nem so, nem pagamos nada, mas sim damos todos os meses algum dinheiro para a caixa de doentes e pobres, que o sr. Harting fundou no dia da sua despedida. O sr. Harting pagou 100.000 rub. Por isso tem-se arranjado n'uma maneira qualquer.

Quinta feira, 10 de Agosto 1916.

Hoje é dia da chegada d'um vapor, mas o "Porto Santo", que deve vir em lugar do "Eunuchal", ainda não está em vista. Lá está a gente a espera de correio.

Os nossos, que vieram de novo, também já se acalmaram, alguns ainda querem o cafe de tarde as 4 horas

Alguns ja disseram, no dia dos annos d'elles haviamos lhes dar uma gracinha de passar, pois o passarinho ja o tinha na cabeça. Essa dor tambem lhes passara.

Quarta feira 16 de Agosto 1916.

Sexta feira, 11 d. Mes. trouxe o Sr. "Pedro. Nunes" do S. Miguel e trouxe o general, que tinha feito uma viagem de inspecção; tambem trouxe o nosso correio, que tinha levado do bordo do "Porto Santo". Recebi uma correia carta e um postal da Laura. Estou ansioso de saber, como sahira a causa da viagem da Laura p. ca. Da tentou choridas, que ella ventura, apesar de não ter perdido as esperanças. Seria agradavel e bonito se ella viesse, pois aqui vive se bem e com uns 15-20 milreis por mes, que pode se fazer a vida muito agradavel. Eu creio, que tambem a Larinha gostaria de se estar, e mesmo a vida em convivio

70-

com allemães seria mt. boa para ella e de certas vantagens.

Os recém chegados separaram se por completo de nos, excepto as familias, as as queres ficaram na nossa secção. Elles cozinham e comem separadamente de nos. Dizem, que chegam hontem uma ordem, para arranjar logares p. mais 89 pessoas, que hão de vir de Foz de Ligeira. Essa gente é o pessoal da estação do cabo submarino allemão.

O, que me preocupa mais agora é a questão se a Laura virá ou não. Estou excitado d'uma maneira, que não tenho vontade de fazer coisa nenhuma. Até depois de amanhã tem se tudo de resolver. Deus meu! Seria isso para mim uma alegria se ella viesse!

Bem, com o vapor, que parte no dia 20, amanhã, de Lisboa, a Laurinha não vem, pois se ella viesse, ja devia ter recebido um telegramma n'esse respeito. Quem sabe se ella mesmo venha com um outro vapor, um dos seguintes? Pois ella tinha tempo sufficiente para fazer os seus preparativos, e como eu vi isto nos jornaes o patrão tambem estava em Lisboa, no principio do mez ~~de~~ d'Agosto. Quem sabe se que causas existem para ella não vir? Espero agora noticias sobre isso no dia 27. Fiquei tão triste, pois ja tinha folgado tanto na idea, que ella partia e viesse, teria sido tão bonito, mas que fazer, sou agora impotente, contra coisas semelhantes. Se ainda me quizesse entreter, mas tambem não tenho com que, as poucas plantas que tenho, estão tratadas n'um quarto de hora e depois segue o dia comprido e aborrecido. "Dolce far niente" dizem dizer os italianos. "Doce fazer nada". Mas

72°

para aturar isso, era preciso de ser um
filho do Gul, ou como um filho do
Norte, nunca o poderei tolerar para mi-
tempo. Já tenho escripto a casa para
ella me mandar a minha ferramenta
de carpinteiro, mas a carta, como todas
as outras que eu para lá escrevi, não che-
gam. Agora vou ~~pedir~~ pedi-las a Lau-
ra, para ver se as recebe pela interme-
diária de ella.

Agora estou a espera do correio, que ha de
trazer o vapor próximo.